SOJA

Perspectivas melhoram

A safra de soja de 1995/96 terá área de plantio menor, mas as estimativas da redução têm variado bastante, conforme a fonte consultada. Nas últimas semanas, o quadro pouco favorável das lavouras concorrentes e a divulgação de novos problemas nas safras dos EUA aumentaram o interesse pela sojicultura em algumas zonas de produção.

A impressão generalizada de que se plantaria menor área de soja na safra 1995/96 (ver *Agroanalysis, 15* (10), out. 1995) está-se confirmando em várias regiões. Em outras, porém, verifica-se reversão das expectativas, em função das piores perspectivas dos mercados de produtos concorrentes. O milho tem problemas derivados de sua estrita dependência do mercado interno, embora conte com o apoio da demanda da avicultura, mas o algodão enfrenta fortes dificuldades, resultantes da abertura da economia brasileira.

O plantio do milho foi prejudicado pelas fortes chuvas que se sucederam desde setembro e a semeadura teve de ser atrasada, o que favorece a soja. No caso do Rio Grande do Sul, até meados de outubro do ano passado, estavam plantados cerca de 70% da safra, e este ano chegou-se aos 30%, tendo-se mesmo de fazer algum replantio, por causa de geadas. No Paraná, a situação deste plantio é de equilíbrio com a do ano passado, mas já apresentou atrasos por estiagem e, agora, por excesso de chuvas. Isto também é favorável para a soja, recomendada naturalmente como opção de rotação e com a vantagem do acesso ao mercado externo.

No caso do algodão, com a transformação do país em destacado importador de têxteis, os produtores expressam grande desalento. Com vistas a tentar modificar o quadro de decadência da atividade, foram-lhe dados o estímulo de um limite de financiamento que é o dobro daquele atribuído aos demais cultivos e um preço mínimo 8% acima daquele da safra 1994/95. No entanto, como cultura de propriedades menores e demandadora de agrotóxicos e de muita mão-de-obra (a retração da cultura tem a ver com os conflitos pela posse da terra em muitas áreas), sua reação é difícil.

Em linhas gerais, preocupa a situação de falta de liquidez no campo e considera-se que as medidas anunciadas, no que se refere à renegociação, com amplos prazos de carência e juros baixos, foram divulgadas tardiamente. Importantes entidades ligadas ao setor, como a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), chamam a atenção para o fato de que a repercussão da crise financeira sobre a tecnologia empregada nas lavouras será bastante ponderável. Aliás, no aspecto financeiro, também se ressalta o fato de que, nos últimos anos, as indústrias ligadas à soja foram um instrumento essencial à atividade, ao financiarem o plantio. Este comportamento disseminou-se razoavelmente, adquirindo contornos de uma distorção derivada da falta de crédito e não de uma "opção" por clientes preferenciais. No atual plantio, a caracterização de "opção" vem sendo reassumida.

As indústrias, conforme relatos da Abiove e de grandes empresas da área, vêm sendo seletivas, financiando apenas os agricultores que conhecem bem. Como os bancos também estão sendo seletivos e, declaradamente, emprestando a quem tem condições de pagar, as operações de plantio desta safra transformaram-se em exercícios complicados. Este ano, porém, as grandes empresas do subsetor de agroquímicos resolveram pôr recursos à disposição dos produtores de cana-de-açúcar, milho e soja. Tal atitude explica-se pelos baixos níveis de venda ocorridos nesta primavera. Até outubro, no entanto, outras empresas ligadas à sojicultura criticavam exatamente este ramo da indústria, por não ter tomado maiores iniciativas junto aos agricultores. Trata-se de questão complexa, pois a inadimplência atingiu extensão inusitada e o comprometimento do patrimônio de grande quantidade de produtores rurais não recomendava o risco do empreendimento.

De acordo com empresas do setor, a situação do plantio levará à redução da safra 1995/96, que a Abiove estima em 22 milhões de toneladas (a anterior, recorde, foi da ordem de 25,75 milhões de toneladas).

Até meados de outubro, porém, até mesmo a extensão da semeadura permanecia nebulosa, pois as estimativas das intenções eram controvertidas e os pri-

meiros questionários dos órgãos avaliadores de safra não tinham chegado às capitais.

Disparidades e semelhanças no Paraná e Rio Grande do Sul

No caso do Rio Grande do Sul, o maior estado produtor, o levantamento preliminar da Emater-RS, realizado em outubro, mostrou pequena redução de área. Os escritórios regionais vinham apontando diminuição na área entre 1 e 4%. Isto bastaria para uma colheita menor, pois o rendimento físico médio de 1994/95 (1.945kg/ha) foi muito bom e não se espera sua repetição. A redução do uso de tecnologia deverá agravar a situação da produtividade. Sabe-se que, na área em que predominam os arrendamentos, a rentabilidade da sojicultura foi mais baixa. Some-se a isto a decisão das cooperativas de reduzir o número de operações de "troca-troca".

O clima não tem trazido maiores preocupações, uma vez superada a estiagem que afetou o campo na segunda quinzena de agosto e na primeira quinzena de setembro. Caso as chuvas na região Noroeste e no Planalto se prolonguem, poderá haver algumas dificuldades.

Segundo a Emater, como, além da soja, também o milho perderá área, haverá alguma "sobra de terras", que tenderá a ser ocupada com pastagens, como parece ser o caso da região de São Borja. Esta opinião coincide com a de empresas do setor de sementes, que relatam movimentação favorável de sementes de *brachiaria* em muitas regiões, não só gaúchas.

Em terras paranaenses, os sojicultores estiveram, todo o ano, como aconteceu em todos os estados, insatisfeitos com os preços, mas seu custo unitário não foi tão alto, pois o clima favoreceu as plantações e se registrou expressiva produtividade física, de 2.557kg/ha, a maior do país (em 1993/94, a mais alta foi a do Mato Grosso: 2.630kg/ha, com o Paraná a seguir, com 2.476kg/ha). Observe-se que a Organização das Cooperativas Paranaenses (Ocepar) calculou que o sojicultor precisaria produzir 2.047kg/ha para cobrir seus custos de produção, com a saca valendo pouco mais de R$12, acima do que foi atingido este ano, ultimamente na faixa dos R$10.

As tendências apontam para uma alta de preços no mercado interno, em razão da menor oferta do produto.

O período ideal para o plantio nos estados sulinos iniciou-se em 15 de outubro e o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura do Paraná está estimando que, ao seu término, tenha sido plantado mais 5,1%, comparativamente ao ano-safra anterior. Segundo o Deral-PR, a área chegará aos 2,28 milhões de hectares e já havia muitas terras sendo cultivadas, antes de 15 de outubro. A pressa pode ser resultado da ansiedade que se seguiu aos quase dois meses de estiagem no estado e das más perspectivas vislumbradas para outras lavouras, que não têm a oportunidade de vender para o exterior.

Numa conjuntura desfavorável ao milho, os preços da soja começaram a subir, nas últimas semanas, quando os agricultores ainda detinham aproximadamente 30% do produto colhido. Isto também indica que a defasagem cambial, que tantas reclamações provocou e foi atenuada com a alteração na banda cambial, há meses, foi incorporada aos cálculos do setor.

Soja — produção do Brasil — 1994/95

UF	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento físico médio (kg/ha)
RS	3.008,6	5.848,0	1.945
MT	2.280,4	5.685,5	2.493
PR	2.199,7	5.624,4	2.557
MS	1.044,8	2.283,5	2.188
GO	1.126,4	2.146,7	1.914
MG	604,5	1.199,7	1.995
BA	470,6	1.165,0	2.157
SP	540,0	1.072,9	2.280
SC	204,5	444,1	2.177
MA	87,7	162,4	1.852
DF	43,8	86,1	1.965
TO	20,1	36,2	1.809
Brasil	11.631,0	25.754,5	2.111

Também pesou o fato de, desta vez, o trigo finalmente ter apresentado bom desempenho (o estado é o maior produtor do país), ajudando a capitalizar o agricultor com vistas ao plantio de verão. Cerca de 70% do trigo foram colhidos até fins de setembro e os preços (média de R$9,60/60kg) foram os melhores, desde 1988. Vêm ocorrendo retenções do produto, à espera de cotações ainda superiores, já que o mercado externo está igualmente em alta e a safra da Argentina, principal fornecedor do país, quebrou.

De acordo com o Deral, estes fatores, mais a vantagem de a escolha da soja poder estar associada ao próximo plantio da safrinha de milho, respondem pelo acréscimo esperado. Considera-se também positivo que o produtor paranaense mostre cuidado no manejo de pragas e que, até por tradição, poucos plantem sem fertilizantes. Contudo, há relatos de que as formulações destes produtos estão sendo feitas em composições absurdamente baixas.

No Paraná, parece que se optou por comprar sementes (e há variedades novas bastante produtivas) e adubos, primeiro, e esperar o financiamento. A estimativa otimista da Secretaria de Agricultura, contudo, não encontra respaldo no âmbito de empresas privadas ligadas à sojicultura. Deste lado, aparecem estimativas de redução de área em todos os estados, com ênfase no Centro-Oeste e na Bahia, onde seria rompido o processo ascensional da sojicultura.

Previsto forte recuo na sojicultura baiana

Na Bahia, as estimativas de diminuição do plantio chegam a espantosos 40%, o que pode reduzir a safra baiana a apenas 600 mil toneladas. Tentando impedir ou atenuar tamanho desastre, grandes empresas associaram-se ao Banco do Brasil, com o intuito de difundir as vendas de "soja verde", mecanismo pelo qual o sojicultor vende antecipadamente sua colheita, para poder pagar o custeio das lavouras. O sistema não teve a disseminação desejada, por oferecer preços de mercado, deprimidos no momento do préplantio. A regulamentação deste tipo de operação, a partir do lançamento da cédula do produtor rural (CPR), deveria torná-lo mais aceito, porém a falta de recursos para o crédito tirou-lhe alguma credibilidade.

Nas regiões do cerrado, vem sendo comum a afirmação de que tudo que se acumulou em vários anos foi perdido em 1995, em razão dos preços desfavoráveis e da falta de liquidez dos produtores. A afirmativa, talvez válida para algumas regiões do Sul, de que os fertilizantes aplicados no passado permaneceriam "ajudando" agora, não tem sentido nos solos ácidos do cerrado, que demandam tratamento mais cuidadoso e que seguramente não o terão. Em Mato Grosso, a descapitalização assumiu grandes dimensões e o escalonamento feito pelo Banco do Brasil para a agricultura não foi considerado interessante. Para a soja, o limite de financiamento fixado pelo governo, para poder afastar-se do mercado, é de R$30 mil, e empresas do setor de insumos relatam que estão ocorrendo tentativas de venda de tratores e equipamentos agrícolas seminovos para a consecução de recursos. Infelizmente, são esforços infrutíferos. Como incentivo, o governo federal anunciou que, desde 4 de outubro, estariam abertas as compras antecipadas de soja.

Em termos de produção, entidades governamentais e empresas privadas acreditam que a diminuição, em 1995/96, ficará em torno dos 20%, no Centro-Oeste.

Brasil — balanço de oferta e demanda de soja — 1993/94 a 1995/96
(em mil t)

Discriminação	1993/94	1994/95[1]	1995/96[2]
Estoque Inicial	1.287,9	1.419,2	1.176,4
Produção	25.059,1	26.194,2	23.853,8
Importação	900,0	100,0	30,0
Oferta total	27.247,0	27.713,4	25.060,1
Consumo	20.461,1	22.337,0	19.662,5
Excedente	6.785,9	5.376,4	5.397,7
Exportação	5.366,7	4.200,0	4.300,0
Estoque final	1.419,2	1.176,4	1.097,7

Fonte: Conab.
[1] Estimativa.
[2] Projeção.

Em Mato Grosso, a área de plantio terá redução de até 25% e a produção decrescerá até 22%. No Mato Grosso do Sul, os percentuais máximos para as diminuições de área plantada e de produção são, respectivamente, de 15 e 17%. Em Goiás, as estimativas quanto ao plantio oscilam muito, mas a retração é certa. As piores avaliações provêm das cooperativas, que se encontram em um momento difícil. No cálculo da Conab, a área goiana poderá cair até 23%, mas a produção terá redução mínima de 1,6%, praticamente estabilizando-se, e máxima de 10,8%. Para a pequena produção do Distrito Federal, espera-se que a extensão cultivada no ano passado se repita, mas que a produção caia 13,3%.

Política agrícola

A colocação da soja no programa de equivalência-produto, na safra 1994/95, foi uma opção polêmica, sempre discutida. Segundo a Conab, disto resultou um estoque de 2,9 milhões de toneladas, em EGF/COV. Como o custo de remição situou-se 25% acima do preço de mercado, não havia como resgatar esse estoque pelo setor privado, o que acarretou a montagem de uma série de leilões. Em setembro, o governo "devolveu" ao mercado, em média, cerca de 100 mil toneladas por semana. Apesar de, em outubro, haver escassa disponibilidade do produto, o Banco do Brasil não tem conseguido vender tudo que oferece, pois não conta com a concordância dos produtores para a liberação da soja pelo preço oferecido e, também, devido à concentração do produto em armazéns de regiões de difícil acesso.

No Paraná, o trigo apresentou bom desenvolvimento, ajudando a capitalizar os agricultores para o plantio de verão.

Não se sabe, ao certo, a quanto montam, ainda, os estoques do governo, mas analistas privados estimam-nos em torno de 1,5 milhão de toneladas. A Conab calcula que serão inteiramente escoados até o final do ano-safra e que o estoque de passagem totalize 1,1 milhão de toneladas, detidas pela iniciativa privada. A situação expressa no balanço de oferta e demanda da Conab mostra um mercado com elevada retração da oferta total e do consumo. As tendências apontam para uma alta de preços no mercado interno, em razão da menor oferta do produto. O esmagamento do grão, expresso no item *consumo* será necessariamente reduzido, o que levará a maiores importações de óleo bruto para refino.

Para a nova safra, o preço mínimo foi repetido (R$8,14/60kg) com deságio de 5% para os estados de Mato Grosso, Pará e Tocantins e para o Nordeste, e de 10% para Rondônia e Acre, para o desconto do frete. Segundo a Conab, a próxima safra internacional não deve apresentar cotações significativamente diferentes das atuais. Assim, considerou-se o preço FOB de exportação entre US$5,10/*bushel* (1 *bushel* = 27,22kg) e US$6,10/*bushel*, o que equivale ao intervalo de US$187,40/t a US$224,14/t, e o nível médio ficou em US$5,60/*bushel*, ou US$205,77/t.

Divergências entre as estimativas

Há ainda razoável amplitude entre estimativas internas e externas da safra brasileira. No início de outubro, ainda oscilavam de um mínimo de 21 milhões de toneladas ao máximo de 24 milhões de toneladas. O limite inferior aproxima-se da quantidade que a Abiove estima para o esmagamento do corrente ano (21,2 milhões de toneladas). O USDA, em sua estimativa de outubro, reduziu a projeção da safra brasileira a 23,3 milhões de toneladas.

No cerrado, o que alguns produtores acumularam em vários anos foi perdido em 1995.

O primeiro levantamento da Conab considerou possível o intervalo de 23,24 milhões de toneladas a 25,11 milhões de toneladas, com percentuais de -3,17 a -10,38. Para os estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, a estimativa é de que a safra se reduza até 6,2% ou cresça até 0,3%. Para o Centro-Oeste, as duas possibilidades são negativas quanto à área, com reduções, na melhor hipótese, de 13,2%, e na pior, de 21,9%. Para a produção da safra, a diminuição esperada é inferior, percentualmente (-8,9 ou -18,1%) pois se imagina que a produtividade possa melhorar. Na região Sudeste, apesar de se estimar uma queda de 4,4% na área, espera-se que a produção possa crescer 1,5%, devido a um rendimento físico médio 7,5% melhor. Consolidando seus dados regionais, a região Centro-Sul teria uma retração máxima na área cultivada de 10,7% e mínima de 3,2%. Na quantidade produzida, haverá diminuição, sendo a maior estimada em 10,9% e a menor em 3,3%.

As divergências provêm, é claro, dos diferentes cálculos do comportamento da área de cultivo, devendo-se agregar a este dado o menor emprego de fertilizantes e o esperado maior descuido nos tratos culturais.

No âmbito externo, parece que os danos que a safra norte-americana sofreu assegurarão preços melhores em 1996, mas a menor disponibilidade física brasileira poderá fazer com que os ganhos com as vendas do chamado complexo da soja sejam prejudicados. Aliás, as estatísticas do USDA continuam sendo contestadas, e ainda não se pode prever em quanto a produtividade física das plantações norte-americanas será afetada pelas geadas de fins de setembro.

A receita das exportações do complexo já caiu de US$4,14 bilhões em 1994 para algo em torno de US$3,3 bilhões, este ano.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA